

Tarefa 06 – Professor Roger

Palavras **aladas**

Silêncio era a coisa de que aquele rei mais gostava. E de que, a cada dia, mais parecia gostar. Qualquer ruído, dizia, era faca em seus ouvidos.

Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros, e por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro.

Agora sim, nenhum som entrava no castelo. O mundo podia gritar lá fora, que dentro nada se ouviria. E mesmo a tempestade fez-se muda, sem que rolar de trovão ou correr de vento perturbassem a serenidade das sedas.

– Ouçam que preciosidade! – dizia o rei. E toda a corte se calava ouvindo **embevecidamente** coisa alguma.

Mas se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquern palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava **vagando** prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de **valia** fresta de janela ou porta esquecida aberta. Pois se ainda era possível escapar às paredes, nada os libertava da redoma.

Aos poucos, tempo passando sem que ninguém lhe ouvisse os passos, palavras foram se acumulando pelos cantos, frases serpentearam na superfície dos móveis, interjeições salpicaram as tapeçarias, um miado de gato arranhou os corredores.

E tudo teria continuado assim, se um dia, no exato momento em que sua majestade recebia um embaixador estrangeiro, não atravessasse a sala do trono uma frase **desgarrada**. Frase de cozinheiro que, sobrepondo-se aos elogios reais, mandou o embaixador depenar, bem depressa, uma galinha.

Mais do que os ouvidos, a frase feriu o orgulho do rei. Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos, e para sempre trancados no mais profundo **calabouço**.

Durante dias os cortesãos empenharam-se naquele novo esporte que os levava a sacudir cortinas e a rastejar sob os móveis. A audição certa **abatia** exclamações em pleno voo, algemava rimas, desentocava cochichos. Uma condessa encheu um cesto de acentos. Um marquês de **monóculo** fez montinhos de monossílabos. E houve até quem garantisse ter apanhado entre os dedos o delicado *não* de uma donzela. Enfim, divertiram-se tanto, tão entusiasmados ficaram com a tarefa, que acabaram por instituir a Temporada Anual de Caça à Palavra.

De temporada em temporada, esvaziava-se o castelo de seus sons, enchia-se o calabouço de conversas. A tal ponto que o momento chegou em que ali não cabia mais sequer o quase silêncio de uma vírgula. E o Mordomo Real viu-se obrigado a transferir secretamente parte dos sons para aposentos esquecidos do primeiro andar.

Foi portanto por acaso que o rei passou frente a um desses cômodos. E passando ouviu um murmúrio, rasgo de conversa. Pronto a reclamar, já a mão pousava na maçaneta, quando o calor daquela voz o reteve. E inclinado à fechadura para melhor ouvir, o rei colheu as lavas, palavras, com que um jovem, de joelhos talvez, derramava sua paixão aos pés da amada.

A lembrança daquelas palavras pareceu voltar ao rei de muito longe, atravessando o tempo, ardendo novamente no peito. E em cada uma ele reconheceu com surpresa sua própria voz, sua jovem paixão. Era sua aquela conversa de amor há tantos anos trancada. Fio da longa meada do passado, vinha agora envolvê-lo, religá-lo a si mesmo, exigindo sair de calabouços.

– Que se abram as portas! – gritou comovido, pela primeira vez gostando do seu grito, ele que sempre havia falado tão baixo. E escancarou os batentes à sua frente.

– Que se abram as portas! – correu o grito da sala ao salão, da escada ao jardim, muro acima, até esbarrar na **cúpula** de vidro, e voltar, batendo no queixo majestoso.

– Que se derrube a **redoma**! – lançou então o rei com todo o poder de seus pulmões.

– Que se abatam os muros! E desta vez vai o grito por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, **epístolas**, ditados, **sonetos**, **epopeias**, discursos e recados, e ao longe – **maritacas** – um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo, e que, aos poucos, em liberdade se vão.

COLASANTI, Marina. Palavras aladas. Em: *Doze reis e a moça no labirinto do vento*.

São Paulo: Global, 2000. p. 88-93.

01. O título do conto é “Palavras aladas”. Que outro título ele poderia ter?

02. O conto foi escrito na década de 1980, mas tem características dos antigos contos maravilhosos que apresentam um herói ou uma heroína, um vilão ou uma vilã. Quem é o herói desse conto?



- 03.** É comum nos contos maravilhosos o herói ou a heroína ser vítima de uma armadilha. No conto de Marina Colasanti, qual é a armadilha e quem é o vilão? Justifique.
- 04.** Os contos, além de mostrar como são os personagens fisicamente, mostram também seu modo de ser, isto é, como são psicologicamente. Como o rei é caracterizado? Justifique sua resposta com uma passagem do texto.
- 05.** O que o rei fez para que nenhum som penetrasse no castelo?
- 06.** Releia este trecho do conto:
- Mas se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair.
- a) Com o passar do tempo, o que aconteceu com os sons dentro do castelo?
b) Por que o rei mandou que todos os sons do castelo fossem recolhidos e trancados em um calabouço?
- 07.** A solução imaginada pelo rei surtiu efeito? Por quê?
- 08.** Qual foi o desfecho do conto? Explique.
- 09.** Busque, no dicionário, o significado das palavras destacadas. Registre-os na folha.